

Flora e Fauna Cearenses

PELO

ENGENHEIRO H. THÉBERGE

CONTINUAÇÃO (*)

Para completar a transcripção do trabalho do Dr. Manoel Freire Allemão acerca das « Plantas medicinaes da Flora Cearense », publicado no Rio de Janeiro em Dezembro do anno de 1862, inserimos em seguida, sob o n.º **5**, a Primeira Parte, justamente, d'aquelle trabalho.

Esta inversão de ordem, que em nada altera a exposição do assumpto sobre que, tão proficientemente, se espraiou o Dr. Freire Allemão (Sobrinho), foi devida ao *Questionario* que adoptou a Academia Cearense para servir de base á organisação dos trabalhos de que fôram ncumbidos seus membros.

5.º

§ 1.º « Se fossemos a julgar da flora brasiliense, sob o ponto de vista de prestimo pharmaceutico em seus

---

(*) Tomo III; anno de 1898; pag. 9.

elementos, pela frequencia do uso de nossos *simplices* vegetaes nas cidades do Imperio ou em quaesquer outros seus centros de população, seriámos levados a crêr, que d'entre as numerosas especies de plantas, preconisadas como medicinaes, bem poucas são veramente operosas. Não é com effeito usual o emprego d'ellas na medicina brasileira. As nossas pharmacias estão sortidas com productos *exoticos*, que o commercio interno leva á quasi todos os pontos do Brazil.

E nem se pense, que esta importação seja sómente de drogas, que se tornem notaveis pela sua reconhecida efficacia: o *taraxaco*, a *bardana* o *mezereão*, a *doce-amarga*, a *saponaria*, e muitas outras plantas do mesmo valor pharmacologico, figuram nas nossas officinas; no entanto, que debalde se buscariam n'ellas as *mutambas*, o *angelicó*, a *suma*, os *velames*, etc.—Importando, pois, tudo o que empregámos em medicina, importando até a nossa *poaia*, em pó e em pastilhas, o que damos em troco ao estrangeiro? Demais que a *ipecacuanha*, vai-lhe sómente a *salsa*, e pequena quantidade de *guaranhem*, *cainca* e *guaraná*, substancias estas que são ainda pouco procuradas, em razão do seo preço elevádo, na Europa; por quanto o *guaraná* vende-se em Paris a 40 francos o kilogramma, a casca da *monizia* a 10, e a raiz de *cainca* a 7 francos. (*)

E porque não se empregam no Brazil as plantas da terra em medicina? Talvez sejam preferidas para o uso medico as do velho mundo por supporem-se já muito conhecidas, completamente estudadas as suas propriedades, caso em que se não acham por certo as nossas. Entretanto se submetessemos a um exame rigoroso a historia pharmacologica dos vegetaes da flora européa, usualmente empregados, reconheceriámos, que gozam muitissimos d'elles do conceito com que são tratados nos livros de materia medica, mais por notoriedade e tradição, do que por effeito de ensaios clinicos, em que se possa de-

---

(*) Conservámos estes preços indicados pelo autor, os quaes devem achar-se, presentemente, muito modificados.

positar plena confiança. Foi a falta de dados positivos a este respeito, que, no tempo da reforma *Broussaica*, levou o pharmacólogo francez Ratier a fazer quasi *taboa-raza* na materia medica européa, a qual, depois, reconstituiu-se na França, simplesmente pelo poder da tradição e da notoriedade, como é pelo uso, pela tradição, que sômos levados a preferir as drogas exoticas ás nossas. Não se devem, porém, suppôr duvidosas as propriedades medicinaes das nossas hervas, sem que, por espirito de coherencia se requeiram novos exames clinicos para todos os simplices menos bem estudados da materia medica, e que no entanto são por nós quotidianamente empregados. Por outro lado, a questão da vetustade de emprego pharmaceutico sustenta-se bem, quanto ao das nossas plantas medicinaes; pois que nos conserva a tradição popular os seus usos therapeuticos, taes quaes os indicáram, no seculo XVII, os patriarchas da nossa botanica medica. Sendo pois já secular a experiencia, que d'elles se tem feito, e notorio o proveito, que do seu emprego tira constantemente a medicina popular, provámos assim, que estão no mesmo pé, quanto a valor clinico, os remedios exoticos e os nossos, demandando todos o exame, que só para uns é requerido.

As plantas do paiz, especialmente pelas roças, são empregadas a titulo de remedios caseiros. Ás mezinheiras, aos curandeiros deixam os medicos o cuidado de fazer valer os productos de nosso ubertoso torrão; e aos pharmaceuticos impõem a obrigação de importar drogas para as quaes temos, da terra, muitos e mais validos succedaneos. Convém reconhecê-los, estuda-los e fazê-los servir para a composição do codigo pharmaceutico brasileiro. E a determinação dos agentes da nossa materia medica, que possam ser considerados como equivalentes aos exoticos empregados actualmente, importará uma substituição na qual decidirá sómente o valor commercial *cæteris paribus*. »

§ 2.º «Para explicar o abandono da materia medica indigena, julgamos bem cabidas as seguintes considerações. Como tudo o mais, as sciencias, que aprendemos

no Brazil, são tambem importadas, se nos é permittido expressarmo-nos assim. E os moços, que se preparam para o exercicio da medicina, entre nós, são obrigados a tomar por guias obras estrangeiras; trabalhos de lavra nacional poucos encontram, que lhes facilitem o estudo; e esses existem sómente em collecções de jornaes medicos, difficeis de obter em estado completo. Os conhecimentos, que constituiriam a nossa climatologia, a topographia medica, a pathologia e especialmente a pyretologia de differentes lugares do Brazil, mesmo dos principaes, não se acham expostos completamente em livro algum, que possa prestar-se ao estudo d'essas interessantissimas materias, precisando o medico de procurar nas publicações periodicas o que temos de feito sobre esses objectos. E se a respeito de outras partes da sciencia medica tal é a nossa pobreza, muito mais se poderia dizer da historia natural do Brazil applicada á medicina. O medico novo, que conclue o seu curso, esteja onde estiver, seguirá na sua pratica os codigos pharmaceuticos europeus, porque não conhece os nossos recursos naturaes, e só depois de um tirocinio longo, pelo continuo lidar com curandeiros e pseudiatras ousados, poderá ter formado algum cabedal de conhecimentos exactos ácerca da nossa flora e fauna pharmaceuticas. Infelizmente a difficuldade das publicações faz com que esses conhecimentos redundem exclusiva e unicamente no proprio proveito de quem os adquirio, constituindo riqueza, que acaba com o dono. Cada novo medico, que tenha de começar carreira, tem de passar pelo mesmo trabalho. D'ahi resulta, que a maior parte d'elles contenta-se com empregar em sua pratica os simplices pharmaceuticos exoticos, sobre os quaes tem a facilidade de obter noticias exactas.

Uma outra razão leva-nos, quasi a nosso máo grado, a dar preferencia ás drogas exoticas sobre âs nossas.

Ella se acha na direcção dos espiritos. Em geral confiámos muito pouco em nossas proprias forças. E' por isso, que antes queremos empregar a nossa intelligencia em trabalhos, que demandando erudição, tenham com

ella os elementos necessarios para a sua execução, como os historicos e de algum modo os litterarios, do que em estudos para os quaes a materia, a fórma, e mesmo os methodos devem ser creados pelo elaborador. Ora deve haver na educação das classes, como na do individuo, um periodo de susceptividade; que preceda ao da manifestação da energia operativa, que caracterisa a capacidade de producção. Dámos mostras de acharmo-nos ainda n'aquelle primeiro periodo, porque parecêmos prender-nos demais aos mestres, e acanhármo-nos quando d'elles nos vêmos obrigados a divergir. Se esse estado de cousas não passasse de simples apparencia, estava visto que não poderiamos lavrar com proveito as bellas minas de nossas riquezas naturaes; pelo que, como aqui diria o illustrado Dr. Capanema, cumpriria então cuidar em tornar real a este, como a outros respeitos, a nossa independencia scientifica. Mas sómente parecêmos não a possuir, porque em vez de produzirmos muito com o bello material que têmos em casa, occupamo-nos demasiadamente com o estado de trabalhos alheios e inapplicaveis ás nossas condições. E' assim que conhecêmos mal a nossa terra. As grandes cidades do littoral, emporios commerciaes que estão em mais relações com o estrangeiro do que com os sitios internos do Brazil, são comparaveis a um lustrôso espêlho, em cuja face brilhante, voltada para as terras transatlanticas, de onde nos vem illustração, industria e artes, mirámos soffrêgamente o que se lá faz, sem que possámos saber algo do nosso proprio paiz, de onde o dôrso opáco do espêlho é incapaz de reflectir a menor cousa. Como producto d'este attentar constante para o movimento intestino das capitaes estrangeiras, como producto natural da desconfiança de nossas proprias forças, dá-se o facto de exercer influencia para com a generalidade dos espiritos a autoridade estrangeira. E é como um caso particular d'esta regra geral, que podêmos tomar o do desleixo em que conservámos a materia medica brasiliense. Não usámos dos simplices vegetaes da nossa terra por não ha-

verem ainda sido todos autorisados por algum nome europêo. (*)

Um só exemplo será sufficiente para provarmos isto. Empregávamos muitissimo pouco as nossas caróbas. Um medico europêo (Réveil) introduzio na therapeutica o uso d'esse depurativo, e hoje em todas as pharmacias da capital acha-se o xarope feito com as partes activas d'essas bignoniaceas.»

§ 3.º « Todo o medico, que fugindo ao bulicio das cidades, se entranhar pelos campos, pelas roças, para o exercicio de sua profissão, maravilhar-se-ha de vêr como alli são aproveitadas as nossas riquezas naturaes em materia medica; e, se procurar perfazer uma lista dos simplices vegetaes, que são empregados pelos mezinheiros e curandeiros, admirar-se-ha do numero subido a que terá de chegar. D'estes, em tal lista, encontrará por certo muitos, que devam ser eliminados pela ineffectividade de operação sobre o systema organico, quando empregados em casos de molestia: não poderá porém deixar de acceitar a muitas plantas, verdadeiramente operosas, toxicas mesmo, como agentes reaes, dignos de figurar em um quadro scientifico de medicamentos. Continuando em seus estudos e observações, capacitar-se-ha de que, no emprego d'estes remedios, não ha puramente empirismo; rudimentos de methodo encontrará; esboços de doutrina mais ou menos eivada de humorismo: e reconhecerá que a therapeutica popular tem uma norma de proceder para cada genero de casos especiaes; em cada tratamento um pensamento director, que muitas vezes é representado nas theorias medicas actualmente em voga.

É assim que a medicação ectrotica para as molestias

(*) Esta censura não tem, actualmente, tanta razão de ser; por quanto, em todas as drogarias e pharmacias da Republica, são hoje encontrados muitos *preparados* medicinaes brasileiros, na confecção dos quaes pharmaceuticos habeis e industriosos empregáram os simplices vegetaes do paiz; *preparados* estes que, em sua maioria, têm sido experimentados e definitivamente acceitos em sua clinica, com proveito, pelos nossos mais autorisados medicos.

H. Théberge

de olhos é conhecida e praticada pelo nosso povo: n'isso com effeito consiste o emprego da agua ou macerada de juriquití *(abrus)*, verdadeiro topico irritante, capaz de produzir máo resultado quando fôr empregado inconvenientemente; porém a que se não póde negar efficacia curativa, comprovada por factos numerosos, tanto mais, que as theorias da medicação substituinte prestam-se a explicar perfeitamente a sua operação e a legalisal-a como processo da arte.

O emprego dos purgativos na dysenteria, hoje adoptado como methodo racional, é pratica antiga dos pseudiatras do paiz; e, o que mais é, prescrevendo elles do *andá*, do *ricino* e da *curcas* as sementes, tem o cuidado de mandar extrahir o embryão, que chamam grêlo, afim de impedir a producção de tórtos na operação de taes remedios: ora na opinião de alguns autores a acrimonia d'essas amendoas acha-se mais concentrada na plantula, e depende da cópia de acidos ricinico e elaidico, que n'ellas se contém; de modo que aqui a intervenção da sciencia servio apenas para justificar a pratica popular.

Usa a nossa gente de vomitorios no começo dos accessos de febre intermittente, como meio abortivo; tal proceder pertence á arte; e o cirurgião Leal, antigo facultativo do hospital da Misericordia do Rio de Janeiro, havia-o adoptado, usando da poaia no periodo de *rigor*, e consecutivamente do decocto da raiz da nossa persicaria ou catáia.

O milome *(aristolochia)* é empregado em banhos, ao modo do geissospermo, ou em cozimento como bebida, nos mesmos casos; e poderiamos citar do pratico fluminense Vicente Gomes da Silva, que escreveu sobre a nossa materia medica, palavras que depoem a favor d'essa pratica popular.

O alcool é administrado com audacia e bom successo no tratamento do tetano pela gente do povo; e esse proceder nada tem de aventuroso, quando o comparamos com os excessos de medicação opiacea commettidos por medicos em tão perigosa nevrose.

Ainda hoje se vende na capital do Imperio um remedio secreto, denominado da sapateira, que parece ser preparado com as partes da *anchietea*, que o Dr. Silva, de bella memoria, empregava nas diarrhéas, segundo pratica popular por elle adoptada.

Emfim o uso do leite da gameleira, commum a todo o Brasil, e que é feito nos casos de hydrohemia, oppilação, póde ainda ser citado como exemplo da efficacia de medicações empiricas executadas por curandeiros.

Em todos os casos d'esta ordem deve-se attender muito á ubiquidade de taes praticas. Quando a tradição popular fôr uniforme a respeito das propriedades medicinaes de um vegetal, empregado do mesmo modo, nos mesmos casos, com fé e segurança, em lugares differentes, separados por distancias consideraveis, e sob nomes diversos, não poderemos deixar de tomar a todas estas circumstancias como provas de efficacia ou effectividade therapeutica no *simples* em questão.

Fundando-me n'esse processo de demonstração, dou muita importancia ao uso de uma *zornia*, commum em nossos campos do municipio neutro, e gabada como anti-blenorrhagica, por ser a mesma especie que, denominada *mijarrona* no norte do Imperio, é lá empregada nos mesmos casos: a coincidencia deve se dar aqui na observação dos mesmos resultados therapeuticos.

Finalmente, em resultado de suas investigações, chegará o medico a reconhecer que na medicina popular, na tradição medica conservada pelos curandeiros e pseudiatras do paiz, há um valioso corpo de conhecimentos praticos, que póde servir de base para o começo de construcção do edificio formoso de uma materia medica nacional, que esteja na altura dos progressos actuaes da medicina.»

§ 4.º «A medicina popular é tradicional. A sua origem remonta ás épocas primitivas, em que o nosso solo virgem era apenas perlustrado por essas tribus mais ou menos nomades, que descendo do littoral das Antilhas occupáram successivamente os diversos pontos do Bra-

sil. (*) Tinham os indigenas a sua medicina; conheciam bem os *simplices* vegetaes, que lhes fornecia por toda a parte a natureza, e empregavam-nos valentemente. Nem mesmo era ignorado pelos autóchtones o uso da medicação antiphlogistica. Corpos robustos, compleições musculosas, constituições habituadas a soffrer impunemente as vicissitudes da atmosphera, sujeitas a mil causas cosmicas de molestia e destituidas de toda a pratica de hygiene, estavam nas condições de apresentar nos casos de molestia mais ou menos diathese inflammatoria. A medicação antiphlogistica devia occupar importante lugar na therapeutica de tal gente. Com effeito a prescripção das sangrias, seguidas umas após outras do professor francez Bouillaud, verdadeira depleção paulatina e continuda do systema vascular, era usual aos nossos Indios.

Sangravam nas molestias agudas incipientes; faziam pequenas e repetidas sangrias; porém nunca as levavam até a producção do deliquio: era o mesmo methodo, com differente processo. Merece muito reparo, na verdade, esta coincidencia de uma pratica medica tão gabada e levada quasi até a exageração em suas applicações no seculo XIX°, com o proceder de medicos ignorantes dessas hordas gentilicas. Considerados os factos em si, abstrahindo-se das condições intencionaes diversas dos experimentadores, que differença ha, quanto ao resultado pratico, do medico hodierno, que sangra pouco, duas e tres vezes por dia, prescreve gommosos, dieta e repouso, para o empirico de outr'ora, que tirava de cada vez sete onças pelo maximo e ordinariamente menos de sangue e repetia a secção das vêas, dando ao paciente tisanas de raiz de maní, e ordenando-lhe repouso, abstinencia de alimentos?

N'um paiz tão abundante de animaes venenosos, não sei o que mais admiraremos, se a Providencia, que colloca ao lado do mal o seu remedio, se o tino de homens de intelligencia inculta, que os empregavam com vigor, sem conhecimento algum das leis de physiologia e pa-

(*) Dr. A. G. Dias (comm. verbal).

thologia. Os empeçonhamentos eram tratados pelos indigenas, ora com validos evacuantes, que pareciam forçar uma eliminação da materia toxica, ora com poderosos nevrosthenicos pelos quaes se reconstituiam instantaneamente as forças do systema vivo, destruindo-se o elemento mais grave do apparato de symptomas daquellas toxicoses, a ataxia.—A variedade de plantas purgativas, empregadas pelos indigenas, nestes e n'outros casos, demonstra quanto elles conheciam desta medicação: e assim devia ser em uma região, onde são tão frequentes as molestias do figado. O menor exame da bella Memoria de Manso, que foi coroada pela nossa Academia de medicina, é sufficiente para o reconhecer.—A medicação tónica, a nevrosthenica, a emetica, a aperiente tiráram da medicina dos Indios muitos agentes efficazes. O melhor e o mais empregado dos emeticos vegetaes, a ipecacuanha, foi da materia medica indigena, que Pison levou para a Europa o seu uso: e a poaia tornou-se depois objecto de tão importante commercio. Foram os Indios americanos, que ensináram aos colonos europêos o modo de empregar-se as quinas, as caincas, as serpentarias. Emfim o conhecimento das propriedades medicinaes dos itubús e de outras poaias do mesmo genero fez com que os medicos europêos se lembrassem de empregar as violaceas de lá como emeticas e espeitorantes.

A principal origem das praticas de nossa medicina popular é pois o primitivo empirismo dos cabôclos. O que com os indigenas aprendêram os colonos amalgamou-se com as idéas de medicina, que elles traziam da Europa; e mais tarde combinou-se com os artificios da medicina africana. Ha com effeito muitas plantas, que vegetam no Brazil, e cujas propriedades nos foram reveladas pelos pretos. Entre outras citarei o pipi, remedio familiar aos pretos Minas de Guiné, com o qual pretendem alguns medicos que elles consigam obter uma toxicose chronica, caracterisada pela perda das faculdades intellectuaes. Porém pela maxima parte, á primeira fonte de noções, devemos quasi tudo o que sabemos a respeito das plantas medicinaes do paiz: e a melhor prova da

variedade de conhecimentos, que possuiam os Indios a esse respeito, é que a provincia para a qual se recolhêram e onde vivem em maior numero, de todas as do Brazil parece possuir hoje uma flora pharmaceutica mais completa; do que conclue-se pela probabilidade de se haverem perdido em muitos outros pontos do Imperio a sciencia das virtudes de plantas, que ainda alli vegetam.»

§ 5.º «Outra fonte dos conhecimentos de nossa pharmacologia, é a observação e experiencia do povo. Nos lugares do centro do Brasil, onde pela falta de medicos, a gente, quando adoece, entrega-se para medicar-se aos curandeiros ou aos mézinheiros, por um natural instincto estes são levados frequentemente a effectuar experiencias, das quaes citaremos o seguinte exemplo: O apparecimento do *acanthospermo xanthoide* no Ceará data de 1845; e é provavel que as suas semestes viessem das provincias vizinhas com as balas de mantimento que então para aquella entráram. A planta diffundio-se, e bem que se apresentasse quasi simultaneamente em muitissimos pontos do Ceará, por tal modo que é em toda a parte uniforme a tradição da época de seu apparecimento, ainda hoje não está ella de posse de todo o terreno da provincia, pois vimos alguns pontos do sertão dos Curús, em que ainda não existe, e outros nos quaes data a sua naturalisação apenas de um anno ou dous. O picão da praia recebeu o nome de *retirante,* applicavel nessa provincia á gente, que, abandonando os lugares em que se criou ou viveu, procura em outros sitios melhores condições de existencia. Com effeito o acanthospermo apresentava-se nos differentes sitios do Ceará ao mesmo tempo que alli chegavam ou passavam as familias dos que procuravam allivio aos soffrimentos da fome. A planta acclimatou-se e guardou aquelle nome popular, o qual marca uma época triste na historia da provincia. Hoje ella é bastante procurada e tem diversos usos em medicina. Porque modo se formaram esses conhecimentos? Se elles fossem transmittidos, em alguns pontos ao menos da provincia seria a planta conhecida pelo nome commum. E como em lugar nenhum do

Ceará tenha o *acanthospermo* outro nome além do de retirante, somos obrigados a crer que a simples experiencia levou a gente dessa bella provincia, toda ella dotada de muita perspicacia e tino de observação, a descobrir as propriedades therapeuticas do pição. Ora quando os vemos empregar, muito em regra, esse remedio em febres intermittentes, em affecções gastralgicas, no esophagismo (extremamente commum no Ceará), em catarrhos nervosos, etc.. quando reconhecemos, que sómente a medicina popular e não a scientifica usa delle, somos forçados a estabelecer por este exemplo, que a experiencia popular é um dos meios de enriquecer a nossa materia medica.

Isto é, quanto a plantas medicinaes. Se passarmos ás toxicas encontraremos ainda a tradição e a experiencia popular como guias de nossas investigações. As da quadra de miserias, por causa de sêccas, em que nas provincias do norte, vê-se o pobre obrigado a alimentar-se com productos silvestres, foram occasiões proprias para se reconhecerem muitas plantas venenosas. Nessas épocas tristes, em que os proprios animaes guiados por admiravel instincto cavavam a terra para della extrahirem as raizes tuberculosas de uma phaseolea (o orós), os homens esfomeados, para tornarem alimentares a muitas raizes e cascas amyliferas, reconhecêram que era necessario lava-las, afim de separar em uma sorte de decoada os principios deletereos de taes plantas. Assim das mucunans, raizes e sementes de especies do genero *dioclea*, da casca da raiz de uma especie de *tipuana*, que é alimento de mocós, da raiz da herva da costa *(schubertia)*, precisa-se extrahir pela acção reiterada da agua sempre renovada, todos os principios toxicos existentes, restando sómente o amylo e a substancia dos tecidos. Os amarios, o coré, as batatas de enfieira são especies de *convolvulus*, cujas raizes tuberosas, cheias de fécula, servem de alimento nessas épocas criticas. A semelhança induzio o povo da Parahyba a empregar como alimentar um outro *convolvulus*, que depois designáram pelo nome de coré-bravo: era planta commum e venenosa: muitas pessoas

ficaram hydropicas, outras com soffrimentos entericos, algumas emfim cégaram.

Mas não é sómente em casos semelhantes, que a experiencia popular coadjuva ao medico em suas investigações: há factos de audacia no emprego de plantas venenosas. A farinha da casca da raiz do páo de mocós, quando mal lavada, causa diarrhéas e dysenterias e opéra como forte purgativo. Referiram-nos casos de emprego da decoada ou macerada dessa raiz, como purgativa; e mesmo de toxicose fatal produzida em crianças pelas injecções clysmaticas feitas com esse liquido.»

§ 6.º «Muitas plantas inertes são apregoadas pela voz do povo como se foram remedios efficazes. Assim a balsamona, especie de *cuphœa* que não passará de ligeiro aperiente, prescrevem-na como antidotal; o vehiculo deve-lhe ser o alcool; e por certo que as honras de uma operação benefica pertencem ao excipiente nos casos desta ordem.

Devemos saber discernir a verdade, e bem apura-la do meio das asserções infundadas, que muitas vezes constituem a maxima parte das informações, que temos a respeito do remedios da medicina popular. Quando não pudermos fazer observações proprias sobre os effeitos de substancias medicinaes, cujas qualidades ponhamos em duvida, serão motivos de criterio, o conhecimento de propriedades semelhantes em plantas do mesmo genero, de um genero proximo ou da mesma tribu. *Plantœ, quœ genere conveniunt etiam virtute conveniunt: quœ autem ordine naturali continentur etiam virtute proxime accedunt.* LINNEU. A similaridade de constituição organica, tendendo a produzir os mesmos principios immediatos, leva-nos a suppôr propriedades semelhantes em plantas que tenham entre si muita affinidade botanica. Assim quando encontramos na provincia do Ceará, conhecido sob o nome de bute ou butua, o mesmo *cissus,* que no Rio designam pelo de parreira brava ou cipó de gotta, e em ambas as provincias preconisado como excellente resolutivo; se consideramos, que um outro *cissus,* o maimbú, é no Rio de Janeiro e

no Espirito-Santo empregado com a mesma tenção; se reflectimos ainda, que na America do Norte, nas Antilhas, na China, na Senegambia, especies do mesmo genero são estimadas como resolutivas e aperientes; não podemos deixar de considerar effectiva a operação do bute, cipó de gotta ou parreira brava, nos casos em que a utilisa a medicina caseira; e temos por onde formular o nosso juizo ácerca de tal planta, antes mesmo de procedermos a ensaios pharmacologicos. Pelo mesmo processo de inducção poderemos crer na efficacia do *helyophytum elongatum*, planta commum em quasi todo o Brasil, e que o povo, por uma bella metaphora, denomina herva-ferro, suppondo-lhe a propriedade de soldar o peito: o *helyophyto*, dizemos, adquire direitos á confiança do medico, desde que este o compara com o *simphyto officinal*, da mesma familia, e que é empregado nas hemoptysis, nas diarrhéas e dysenterias, como adstringente.

Os fructos das nossas *cordias*, denominadas gargaubas e muricis brancos, têm as propridades das sebestenas. A purga de João Paes, *vandellia* do norte, que se acha delicadamente desenhada por Montenegro nas Centaureas ineditas de Arruda, tem propriedades semelhantes ás da *gratiola* e *euphrasia* européas; e talvez as partilhe o amargo *tetraulacium veronicœforme* do Ceará. O manacá, emfim, como sedativo da circulação, supporta perfeita comparação com a dedaleira, de que é succedaneo e contribule.

Taes são as applicações do principio de Linneu. Entretanto, se na generalidade dos casos deve elle passar como regra, tem esta contra si bastantes e notaveis excepções, como as do brosimo venenoso comparado com o galactrodendro, a da noz-vomica e ruamon *(strychnos venenifera* do Pará) com a quina cruzeira do Rio *(strychnos trinervis)* e a quina de Coritiba *(strychnos de Saint-Hilaire)*. Resguardado porém pelo conhecimento da possibilidade de haverem excepções á regra estabelecida, póde o medico-naturalista usar della com discernimento, e colherá bellos resultados do seu trabalho.

E infelizmente ainda assim seremos obrigados a pro-

ceder emquanto os simplices da nossa materia medica não fôrem submettidos a ensaios regulares de applicação medica.

Destas considerações resulta, que, para a execução das experiencias clinicas, pelas quaes devem passar as nossas plantas medicinaes, o primeiro elemento a possuir-se é o conhecimento dos seus usos populares, podendo-so por elles mais ou menos presumir das suas propriedades. O segundo é a comparação daquellas com as plantas de outras partes do mundo, congeneres ou contribules, feita com a intenção de ampliarmos e applicarmos as nossas ás noções havidas a respeito dellas. Assim bastariam as notas colligidas pelo Rumphius sobre as propriedades toxicas de differentes phaseoleas e diocleas para suspeitarmos nas nossas a existencia de principios deletereos; e as suas observações ácerca dos bredos salgados, especies de *sesuvium, salicornia, achyrantes*, plantas que nos mares moluccanos são conhecidas pelo nome de perrexil, dar-nos-hiam razão para affirmarmos, que as samambaias, o perrexil, os praturás do Ceará podem-se prestar do mesmo modo á extracção da soda, se não fosse para isso sufficiente a consideração da especialidade de sitio botanico (o de cambôas), em que esses vegetaes vivem. Emfim, tornando á medicina, as propriedades nevroseantes da cóca devem-nos fazer esperar, que se reconheçam em outras especies nossas do mesmo genero, e especialmente na catuaba, já empregada como nevrosthenico, qualidades semelhantes. Além de todos os conhecimentos havidos a respeito dos capitulos precedentes, será ainda preciso conhecer a composição elementar das partes das plantas que tenham de ser estudadas. Então proceder-se-hia com segurança aos ensaios de applicação medica. Temos nós muitos dos nossos simplices pharmaceuticos, que hajam sido analysados por semelhante modo?»

§ 7.º «As plantas medicinaes da nossa flora pela maior parte (vimos que) ainda não passáram da medicina popular. Acham-se muitas dellas indicadas em obras de medicina escriptas por estrangeiros no Brasil (Sigaud,

Imbert, Chernoviz). Coube-lhes lugar no Formulario Pharmaceutico de um destes; porém póde-se dizer, que ahi representam um papel semelhante ao dos comparsas no drama. Sobre quasi todas estão por instituirem-se experiencias clinicas regulares. Seus principios immediatos não são bem conhecidos: rarissimas tem sido e incompletamente analisadas. A respeito da sua composição vemo-nos obrigados a fallar por presumpções, por inducções. Suspeita-se por exemplo a existencia dos elementos do acido cyanhydrico na casca e lenho do *pygeum*, genero proximo ás das amendoas amargas, na da imburana de cheiro, que é typo de um novo genero dedicado por meu tio a Feijó, na do *myrospermum* (oleo vermelho ou páo de balsamo), no imbúim ou heymassoli (olacinea commum e planta vaga). Emfim para fazer-se uma idéa do vasto campo de descobertas, que tem ante si o chimico analysta no Brasil, basta rapido exame da lista dos principios immediatos extrahidos de plantas nossas pelo Sr. Peckolt, em que se póde depositar confiança, visto que foram considerados dignos do premio os seus trabalhos pelas pessoas illustradas, que compunham o jury de exame na nossa ultima exposição nacional.

Alguma cousa tem-se escripto sobre a materia medica brasileira. Porém os autores destes trabalhos vendo-se obrigados a dividir a sua attenção, estudando simultaneamente um grande numero de plantas, não aprofundáram o objecto; demais, precisavam antes explorar o campo para assentar a sua tenda de trabalho. Ainda hoje estamos nestes ensaios preliminares. Existem alguns manuscriptos sobre esta materia; outros foram perdidos, sorte que por uma má sina parece reservada a todos os trabalhos nacionaes da historia natural, pois páram hoje em mãos particulares os escriptos de Arruda, os de Ferreira, Feijó, etc.; e uma *flora* das provincias do norte, deste ultimo naturalista, foi encontrada no meio de papeis velhos, que haviam sido vendidos para embrulho a um negociante. Vicente Gomes da Silva escreveu uma Memoria sobre plantas medicinaes do Rio de Janeiro, e referia-se nella a um outro trabalho mais completo, que

(se o concluio) perdeu-se tambem. Os trabalhos de Lacerda, com muito boas descripções botanicas e alguns estudos chimicos, estão por publicar-se. O Dr. Sigaud trabalhava na confecção de um livro de materia medica brasiliense, quando a morte veio rouba-lo ás sciencias, que tanto cultivava. Entre os medicos que escrevêram sobre a materia medica brasileira contão-se B. A. Gomes, Paiva, Maia, Manso, Godoi Torres, o Saint-Hilaire, e Martius, cujo *systema* resume ainda hoje o que ha de melhor neste genero

Deploramos o estado da materia medica no Brasil, porque vemos, que mesmo no centro do Imperio, as pharmacias estão sortidas com drogas exoticas, no emtanto que a nossa flora riquissima póde fornecer á medicina succedaneos, muitos até de maior valor, que os importados. Assim um primeiro progresso neste genero será a substituição das drogas nativas pelas importadas nos proprios lugares de producção. O segundo virá a ser o estabelecimento do commercio de drogas, o começo de exportação.

Calculando pelos preços da ultima edição do catalogo *Menier*, vemos que se póde ter no Ceará a calumba ao custo de 2$000 réis o kilogramma, e o extracto a 1$000 réis o hectogramma: as pharmacias que importão essas substancias encontrariam no emtanto no paiz as cascas dos *simabas*, as raizes das *abutuas*, dos *cissampelos* por infimo preço. O extracto de ratanhia vem-nos do estrangeiro a 3$000 réis o hectogramma: as kramerias, que o produzem, abundam não só no Ceará, como em toda a região de catingas e carrascos, que se estende pelas provincias vizinhas até os sertões da Bahia. O balsamo do Perú custa-nos a 10$ e 12$ réis o kilogramma: ora o *myrospermum* do Brazil, que vegeta tanto nas provincias do norte, como nas do sul do Imperio, produz excellente balsamo, que vimos no Ceará, e ainda na ultima exposição nacional, onde se apresentou excellente balsamo em coquinhos, que é rarissimo no commercio: em toda a provincia do Ceará existe o páo do balsamo, e em algumas serras, como a Azul, as suas

grotas quasi que não tem outra qualidade de madeira. Do mesmo modo se encontra lá abundancia da quina, que impropriamente chamamos do Rio de Janeiro. Na nossa provincia esta arvore vive sómente nas selvas, e já é rara. A abundancia da quina no Ceará, e nas catingas e mattas das provincias proximas, faz pensar na facilidade de entreter-se um commercio facil e lucrativo desta casca, com os grandes centros da população do Brasil: a quina com effeito suppre-nos as gencianas, centaureas, e outros tonicos desse genero.

Emfim as dorstenias, que poderiamos substituir ás valerianas, as raizes das nossas jarrinhas, que valem tanto como as serpentarias, as nossas polygalas, que representão a senega tão empregada entre nós, as macellas, as bryonias do Brasil, as suas convolvulaceas purgativas, os manacás, as juripebas, as juremas, e outras muitas plantas, que pertencem á flora pharmaceutica da provincia do Ceará, poderiam tornar-se objecto de commercio, se entrassem para o catalogo dos remedios quotidianamente empregados pelos medicos brasileiros.

§ 8.° «Ha muita variedade e confusão de nomes vulgares nas plantas medicinaes do Brazil. Os amores do Rio de Janeiro (especie do genero *zornia)* são a mijarrona do norte. O oleo vermelho denomina-se lá páo de balsamo. Os apiís do Pará são identicos aos nossos carapiás; e as tinguacibas fluminenses lá são conhecidas pela designação bem cabida de emburaremas, etc. Ainda mais, applica-se o mesmo nome a vegetaes distinctos. Uma planta, diversa da zornia, a mandubirana, que pertence ao genero *desmodium,* tem a mesma denominação de amores do Rio, no emtanto que em Pernambuco chamam-na trevo. O mestrusto do norte é um *chenopodium;* no sul, *sennebiera.* Os louros do norte são *nectandras,* no sul *cordias.* Páo amarello ora é *echyrospermum,* ora *galipea* (arapocas). Não basta, pois, que nos dêm o nome vulgar de uma planta para reconhecermo-la no Brasil. E trouxemos todos estes exemplos afim de prevenirmo-nos contra a repetição de trocas no emprego de plantas medicinaes por causa da communi-

dade de nomes. O páo-pereiro do Ceará *(aspidosperma pyrifolio)* é bem distincto da planta que emprega-se hoje tanto no sul do Imperio, como antiperiodico. Os medicos do Ceará, julgando identicas as duas especies, empregaram o pereiro com o mesmo escopo. Ora os *aspidospermas* são todos mais ou menos tonicos: e segundo Velloso a quina de camamú pertence a este genero; de modo que o engano recahio felizmente sobre uma planta de propriedades similares ás do *geissospermo*. Mais grave seria a confusão si se tratasse do milome: o do norte é um *leptolobio* arboreo, de propriedades ecbolicas e toxicas talvez, e pois mui differente das nossas aristolochias, que têm o mesmo nome. As solidoneas do Pará são meros aperientes do genero *boerhaavia;* as fluminenses são especies emeticas e purgativas do genero *trixis.* Apií é *dorstenia* no Pará; e por tal tambem lá se designa uma *urostigma.* Abutua, que é *anelasma* no Rio, *cissus* no Ceará, no Maranhão é especie de *vitex.* Emfim, xiriuva e canoés são os nomes vulgares da mesma planta, a avicennia tomentosa no Pará e Ceará. Outros muitos exemplos poderiamos adduzir; mas bastem-nos estes, que tiramos das nossas proprias observações e das notas manuscriptas de Lacerda.

Assim como a variação de nomes póde fazer com que se deixe de empregar uma planta commum no paiz, importando-a no emtanto de outra parte com o seu nome de uso, tambem a confusão de nomes póde fazer usar-se de plantas diversas, umas por outras, uma vez que não presidão á escolha perfeitas noções de botanica Por estas considerações não nos admiraremos de que, existindo no Rio especies medicinaes de *hydrocotyle asiatica,* importem as nossas pharmacias os preparados dessas plantas executados pelo Dr. Lépine. E, cousa notavel, as mesmas plantas vão nos dar exemplo do outro genero de confusão. As acariçobas são tambem na America empregadas em dermatoses, especialmente no Pará. Um medico, conhecedor dessa pratica, pretendeu haver reconhecido a acariçoba do norte n'uma *euphorbia* fluminense, a callitrichoide, e a empregou como se fôra legitima

hydrocotyle. Tenho visto confundirem o cipó do *hæmadiction* de Gaudichaud com o de uma *anchietea,* cujo uso o Dr. Silva vulgarisou sob o nome de cipó-carneiro. Differentes plantas são conhecidas no Brasil pela designação de paratudo: *rawolfias,* e especialmente a de Blanchet; *esenbeckias; gomphrenas; cardiospermum; aristolochias* e *aspidosperma* estão nesse caso. Todas pertencem á classe dos tonicos, é verdade, mas não valem umas por outras, differençando-se a *rawolfia* de Blanchet e a *gomphrena leucocephala,* que são emeticas, das *esenbeckias,* e *aristolochias,* reconhecidas estimulantes, e estas dos *aspidospermas* ou *coutinias,* que passão por cephaloseantes.

